

No Verão, as cigarras só querem comer, cantar e copular



Série **Um Naturalista no Verão**

Bem escondidos pela vegetação, os machos das cigarras cantam sem parar para atrair as fêmeas. Mas ao contrário da fábula de Esopo e La Fontaine, o “divertimento” não lhes dura a vida toda

Por Inês Sequeira

Se por estes dias estiver deitado numa praia do Algarve e ouvir um canto ensurdecedor de cigarras – “reeeeeeeeee...” – o mais provável é estar rodeado por um “coro de bárbaras”. Acolhidos pela vegetação das falésias, os machos da espécie *Cicada barbara* tentam fazer-se ouvir para atrair uma fêmea.

Tal como esta cigarra, mais comum no Algarve, isto é o que todas fazem quando chega o calor, explica Paula Simões, de 51 anos, investigadora do cE3c-Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais e professora auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL). “Os adultos voam para cima das árvores ou de outras plantas, dependendo das espécies, e os machos começam a cantar. As fêmeas não cantam, mas são elas que escolhem o macho com

que desejam acasalar.”

Cada uma das 13 espécies registadas em Portugal continental – não há cigarras nos Açores e Madeira – tem um canto diferente. Variam no padrão rítmico e na frequência, mais grave ou mais aguda. “Funciona como um bilhete de identidade acústico através do qual as fêmeas conseguem perceber se o macho é da mesma espécie”, descreve a cientista da FCUL.

Mas, antes da cantoria, estes animais passaram a maior parte da vida no escuro. Depois de nascerem de um ovo quando chegam as primeiras chuvas depois do Verão, as pequenas larvas lançaram-se dos troncos e dos ramos das árvores e arbustos para a terra. “Têm umas patinhas escavadoras, as patas da frente, que são mais fortes, e é assim que se enterram debaixo do solo.” Ali vão crescendo, enquanto se alimentam de seiva das plantas e das árvores, agarradas às raízes.

Se escutar uma cigarra, é possível que seja...

Cicada orni O canto ritmado desta espécie – “tche-tche-tche-tche...” – faz-se ouvir um pouco por todo o lado. É uma espécie de “todo-o-terreno” das cigarras, pois dá-se bem tanto nos olivais tradicionais do Alentejo como em árvores de áreas urbanas. É a cigarra que mais se escuta em Lisboa e também a que canta

até mais tarde em Portugal: se a temperatura ajudar, até à primeira semana de Outubro.

Pode ouvir-se aqui: cicadasong.eu/cicadidae/cicada-orni.html

Cicada barbara Fisicamente muito parecida com a *Cicada orni*, mas com um

canto muito diferente. Emite um som contínuo – “reeeeeeeeee...” – e ouve-se bem nalgumas praias do Algarve, como, por exemplo, a praia da Marinha, em Lagoa. Pode encontrar-se por todo o país, mas é mais comum nas regiões quentes do Sul do interior.

Pode ouvir-se aqui: cicadasong.eu/

cicadidae/cicada-barbaralusitanica.html

Lyristes plebejus Quando canta, lembra uma panela de pressão com a válvula de segurança às voltas: “tch... tch... tch... tch...” Pode chegar aos cinco centímetros de comprimento. A maior espécie



MARCELLO LEBREZ/CONTRASTO/Contrasto

Os cientistas acreditam que as ninfas das cigarras em Portugal e no resto da Europa, depois de saírem dos ovos, vivem cerca de dois a três anos debaixo da terra. “Nos EUA, por exemplo, há espécies que chegam a passar 17 anos assim”, nota Vera Nunes, que é também investigadora da CE3C. Finalmente, quando chega o momento, entre Maio e Junho, escavam em direcção à superfície e sobem aos troncos das árvores e dos arbustos, onde se libertam das exúvias — uma espécie de cutícula ou de segunda pele, que, ao ser abandonada, significa que as cigarras se transformaram em adultos com asas.

“Levam ainda o primeiro dia a desenrolar as asas, aos poucos, enquanto ganham cor e rigidez”, descreve Vera Nunes. Dali, voam para um ponto mais alto e chegam aos cantos do acasalamento — ou dos acasalamentos, melhor dizendo. É que pelo menos os machos não se ficam por uma fêmea. “Após uma cópula, que dura três ou quatro minutos, os machos começam logo a cantar.” E como é que os cientistas sabem disso? É que os sons que as cigarras fazem “são diferentes na altura da cópula e os animais ficam mais silenciosos”, explica Paula Simões. São mais discretos do que noutras alturas, pois nessas ocasiões estes pequenos insectos ficam à mercê de predadores.

O palco escolhido também é diferente de espécie para espécie, muitas vezes relacionado com o tamanho. “As espécies mais pequenas encontram-se em pequenos arbustos e em herbáceas, como a *Cicada contentei*, mas as espécies maiores e mais volumosas escolhem as árvores de maior porte.”

Como as guitarras

Mas como cantam as cigarras? Têm membranas que vibram, os tímpanos, que funcionam como se fossem as cordas de uma guitarra. “E o abdómen, que nos machos fica vazio, funciona como uma caixa-de-ressonância”, adianta Vera Nunes. Pelo contrário, nas cigarras fêmeas o abdómen serve para armazenar os ovos, que podem chegar a várias dezenas ou mesmo centenas e são depositados em pequenas ranhuras de troncos e ramos, com o tamanho de uma cabeça de alfinete.

Os investigadores acreditam que tanto umas como outros vivem só cerca de três semanas como adultos, acima do solo. Nesse período, alimentam-se de seiva através de uma “trombinha” que espetam nos ramos de árvores e arbustos. Depois, cumprida a missão de se reproduzirem, morrem e deixam de se ouvir, como que a anunciar que o Verão está a chegar ao fim. E por isso, tanto Paula Simões como Vera Nunes acreditam que a fábula *A Cigarra e a Formiga*, de La Fontaine, não faz justiça a estes insectos, que tanto tempo passam debaixo da terra e tão poucos dias sempre a cantar. Aliás, corrige Paula Simões, “a ilustração original da história nem sequer retrata uma cigarra, mas sim um gafanhoto.”

Jornalista da revista *Wilder.pt*

A série *Um Naturalista* revela o que está a acontecer na natureza ao ritmo das estações do ano. Quinzenalmente, daremos a conhecer espécies de fauna e flora — muitas delas fascinantes — que os leitores podem encontrar em Portugal. Explicaremos de que forma podemos ajudar a proteger a biodiversidade e também como é possível participar em projectos científicos destinados a conhecer melhor o mundo natural.

Saiba como ajudar as cigarras usando um smartphone

Quem ouvir uma ou mais cigarras a cantar e tiver um smartphone consigo, pode gravar o som e partilhá-lo na plataforma de registo de espécies BioDiversity4All (biodiversity4all.org) ou na página do projecto Cigarras de Portugal — Insectos Cantores, no Facebook ([facebook.com/cigarras.pt/](https://www.facebook.com/cigarras.pt/)). A informação deve incluir ainda a data e local da ocorrência, de preferência com as coordenadas GPS.

Desta forma, como os cientistas identificam as espécies através dos sons enviados, todos podem ajudar a saber em que regiões ocorrem as diferentes espécies. É o objectivo do novo projecto Cigarras de Portugal — Insectos Cantores, que junta Paula Simões, Vera Nunes e outros cientistas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), e pretende continuar nos próximos anos.

Este esforço conjunto de registar todas as espécies de cigarras em Portugal está a ser feito pela primeira vez, criando uma base de comparação para o futuro, explicam os investigadores. Neste Verão, a equipa da FCUL já conseguiu confirmar que se mantêm no país 12 das 13 espécies até agora registadas. “Falta-nos só a *Tibicina tomentosa*”, comenta Vera Nunes, lembrando que “não há registo desta espécie em Portugal há muitos anos, mas no Sul de Espanha é bastante frequente”.

O projecto pretende também divulgar o conhecimento sobre cigarras, pelo que tem estado a realizar *workshops* gratuitos e abertos a todos os interessados, que são anunciados através da página de Facebook da iniciativa.

Além de servirem como alimento para outros animais, embora só no Verão, as cigarras são um indicador importante quanto à biodiversidade dos habitats e dos solos, sublinham os investigadores. “Se a presença de cigarras declinar num determinado habitat, isso indica-nos que a diversidade geral de espécies nesse sítio está a desaparecer.”



VERA L. NUNES

Diz-me como cantas
Em cima, cigarra da espécie *Cicada orni*; ao lado, uma *Euryphara contentei*. Cada uma das 13 espécies em Portugal continental tem um canto diferente

encontrada em Portugal, onde é rara, ocorre principalmente no Centro e no Alto Alentejo. É comum no resto da Europa. **Pode ouvir-se aqui:** cicadasong.eu/cicadidae/lyristes-plebejus.html

Tettigottna argentata “Ta-ta-ta-ta...”
O som desta cigarra parece uma

metralhadora e pode ser escutado em todas as regiões portuguesas — com excepção das ilhas, onde não há cigarras —, mas é bastante mais comum em meios rurais. Ocorre noutros países do Sul da Europa, até Itália.

Pode ouvir-se aqui: cicadasong.eu/cicadettinae/tettigottna-argentata.html

Grilo ou gafanhoto O som destes outros insectos cantores pode confundir-se com o das cigarras, mas costuma ser mais irregular e metálico. E se for à noite, é muito provável que seja um grilo, a não ser que a cigarra se tenha deixado enganar por um foco de luz particularmente forte.

Pode ouvir a esperança (*Tettigonia*

***viridissima*), uma das espécies de grilo que ocorrem em Portugal, aqui: xenocanto.org/species/Tettigonia-iridissima**

Nota: Fique a saber como soam outras cigarras de Portugal e do resto da Europa no site *Songs of European Singing Cicadas* (www.cicadasong.eu).